

LWA®

REVISTA EDITADA COM O
N.º 47 III 19 OUTUBRO 2012



PORTFOLIO
PELOS CABELOS AO NATURAL
pág. 42

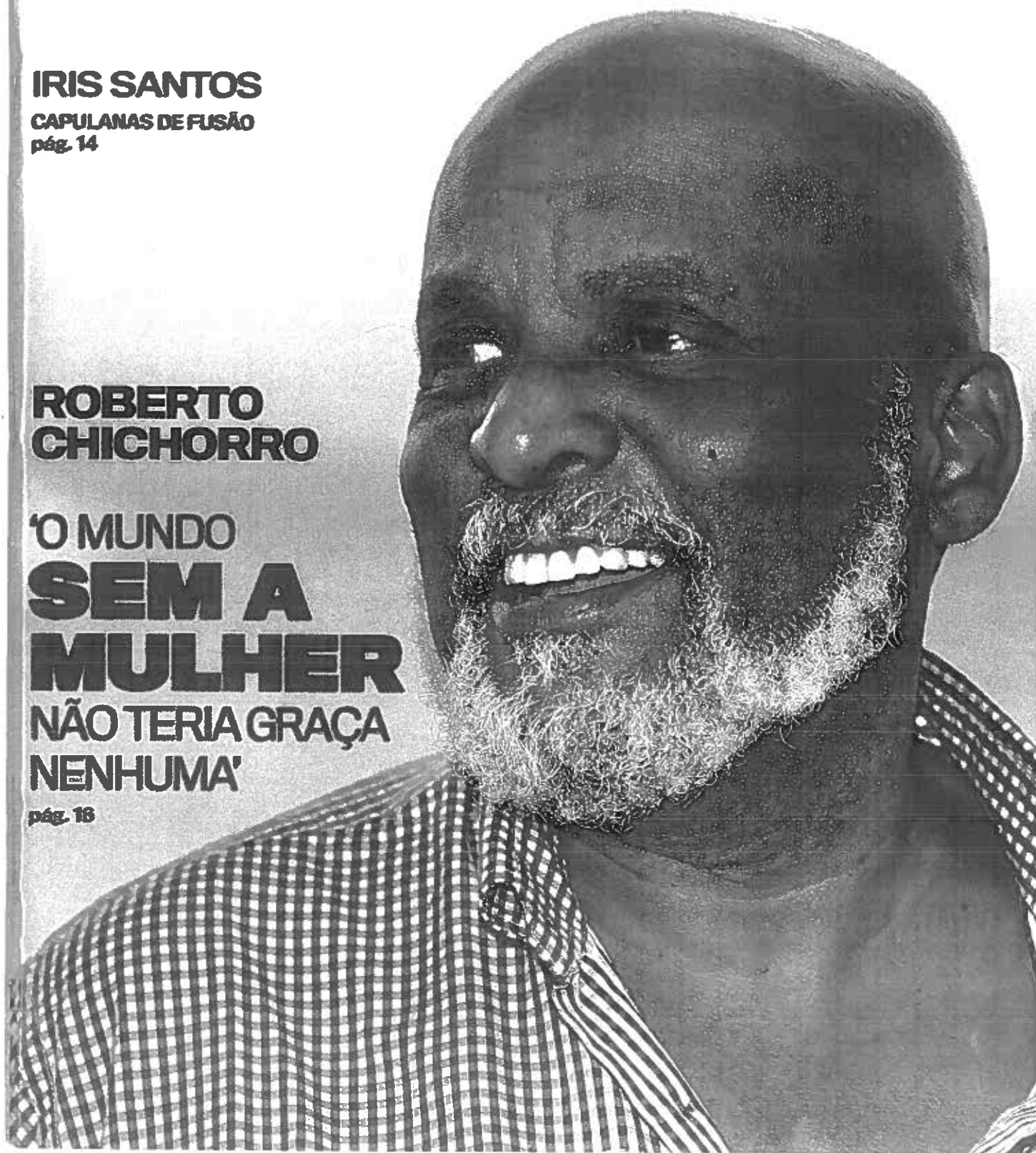
IRIS SANTOS

CAPULANAS DE FUSÃO
pág. 14

**ROBERTO
CHICHORRO**

'O MUNDO
**SEM A
MULHER**
NÃO TERIA GRAÇA
NENHUMA'

pág. 16



Roberto Chichorro

'Pintar é DOLOROSO'

Nasceu e cresceu nos subúrbios de Maputo, filho de pai operário e mãe doméstica. Foi com ela que descobriu a paixão pela pintura, antes de sonhar ser arquitecto ou psiquiatra. Acabou pintor já depois dos 30, quando se mudou para Madrid com uma bolsa de estudo. Casou três vezes, mas nunca teve filhos porque não suporta a ideia de «pôr gente no mundo para sofrer»

Entrevista de Alexandra Ho Fotografias de José Sérgio

Foi homenageado no último fim-de-semana no festival Plast&Cine, em Lagos, Portugal, mas não esconde que ainda se surpreende com estas iniciativas. Ache que não as merece?

Questiono-me sempre "a troco de quê?", e fico surpreendido com estas homenagens. Mas claro que também fico contente e sinto-me bem por o meu ego ter sido massalado.

A exposição que preparou para o Plast&Cine prolonga-se até 11 de Novembro. Em que consiste a mostra?

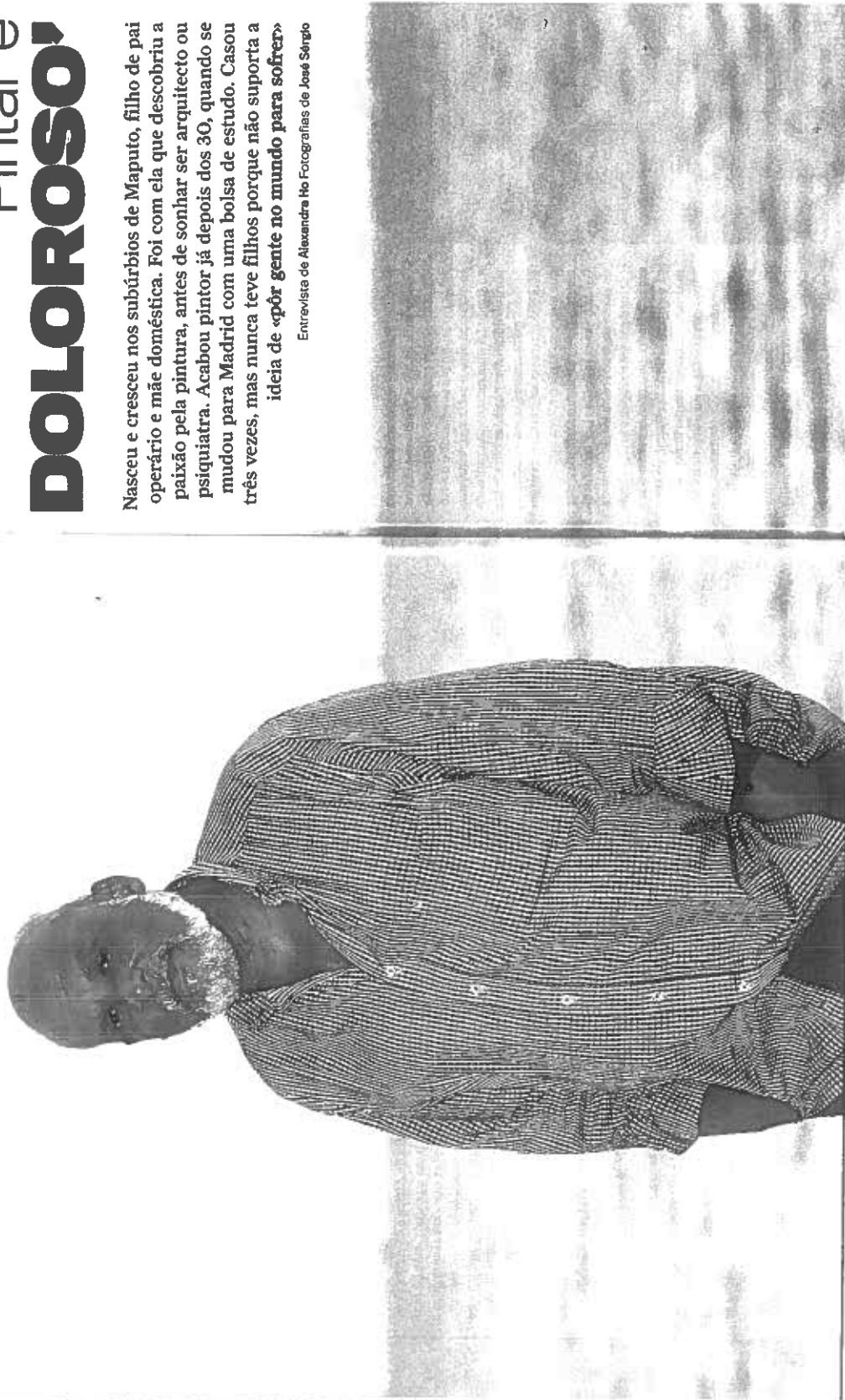
É uma exposição representativa dos meus últimos dez anos de trabalho. São 30 quadros, alguns deles da minha colecção pessoal, e 15 ilustrações para livros infantis, uma vertente que comecei a fazer há pouco tempo e que ainda está pouco exposta. Além disso, levei três peças de cerâmica, que fiz quando estive a estudar em Madrid, e uma escultura que surgiu por brincadeira em casa de um amigo.

Há três anos fez uma retrospectiva da sua carreira em Moçambique com a exposição Sonhos d'Agora e Também d'Outros Tempos. Para quando um regresso?

Não há nada planeado e, sinceramente, não sei se vou voltar a expor em Moçambique. Tenho 71 anos e montar uma mostra não é fácil, logística e financeiramente falando. Mas essa exposição de 2009 deu-me imenso prazer fazer. Já não vinha a Moçambique há 17 anos e foi um reencontro perfeito com o país. Consegui mostrar parte significativa da minha obra, desde os anos 70 até à década de 2000.

Só se tornou pintor profissional depois dos 30. Não era a carreira que desejava?

A pintura é uma forma de vida, que começou como uma forma de comunicação. Por isso, quando era mais novo, nunca pensei na pintura como profissão. Trabalhava durante o dia e pintava à ▶

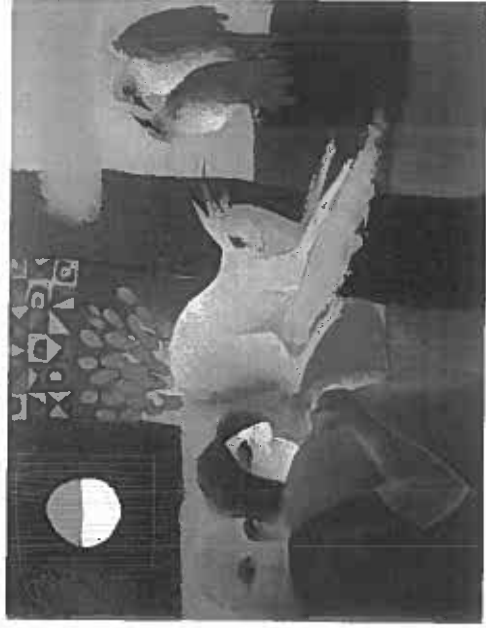




UMA das muitas ilustrações para livros infantis que tem feito (à esquerda); e os quadros Saramba com Janeta Mestizada (ao lado) e Tempo de encontro com Cabrália Rome (à direita)

ser psiquiatra porque perguntava-me inúmeras vezes "o que acontece na cabeça das pessoas para elas enlouquecerem?". Quando falei com o meu pai sobre as duas opções, ele disse-me logo para esquecer porque em Mocimboa não havia nenhuma das áreas e os meus pais não tinham dinheiro para eu ir estudar para a Europa. Então decidi-me pelo curso Industrial de Construção Civil, porque tinha a disciplina de Desenho de Arquitetura que me interessava e que acabou por ser a minha profissão.

Foi privilegiado, por ser o filho mais novo?
Não, pelo contrário. Havia preferências, mas como era o mais novo estava fora da carroça. A minha irmã era a menina do meu pai, e o meu irmão, o primeiro rapaz, era o menino da minha mãe. Acho que também por causa disso acabei por ser a pessoa mais equilibrada entre os dois irmãos. Em adulto, o meu pai passou a confiar mais em mim, do que no meu irmão, que era muito leviano e a minha mãe protegia. Eu, apesar de ter a mania que era pintor, era um miúdo tímido e certinho. **Começou a trabalhar com 17 anos como desenhador para arquitectos. A pintura ficou para segundo plano?** ▶



Em África passava o tempo todo a sonhar em ter uma bicicleta. Nunca tive. É disto que quero falar com o meu trabalho. Há muita gente a pintar miúdos

em África com as costelas de fora, com fome, com moscas na cara. Eu prefiro pintar uma criança com um triclíco cor-de-rosa, para que as pessoas olhem para ela e digam "esta criança merece isto". Se calhar sou um sonhador inveterado e acabo por sofrer muito com isso. As pessoas que não me conhecem bem olham para os meus quadros e dizem: "Tu estás sempre em festa". Não é verdade! Sofro muito porque pintar é doloroso. A minha obra tem cor, tem festa, mas no fundo há uma melancolia profunda porque quero dizer "olhem para estas pessoas marginalizadas, esprezadas, mas que merecem sonhar". São pessoas que merecem viver em festa mesmo que a vida não seja nenhuma festa para elas.

A FESTA DA VIDA
Roberto Chicharro passou há 71 anos em Maputo e revelou logo na escola primária o talento para o desenho. Apesar de ter sido uma criança tímida, aventurava-se sem medo até aos muros de tijolo de treinar a mão, com bonecos que desenhava e cortava. Apesar do vooçó, depois, preferiu, para responder à pergunta invariável: "Por que se inscreveu nos cursos em Mocimboa, seguiu Construção Civil e trabalhou durante anos como desenhador em *estaleiro de estruturas*, tendo sempre a pintura como *hobby*. O passatempo transformou-se profissão já na casa dos 30, quando aceita uma bolsa para ir estudar para *Madrid*. Com uma carreira com mais de 50 anos, a mulher, as crianças e o sonho são temas recorrentes na obra de Chicharro, que se inscreveu como *o pintor da festa de vida*.

Ganhou esses reflexos por ter crescido numa zona pobre de Maputo?
O meu pai era um operário típico, que saía de madrugada para ir para a fábrica e voltava já de noite. Éramos pobres, mas não vivíamos na parte densa dos subúrbios porque o meu avô tinha deixado uns terrenos, com poucas casas à volta. Mas quando comecei a trabalhar, comecei a ouvir as conversas dos operários, dos homens que não tinham emprego e precisavam de alimentar a família, das pessoas que sofriam porque o marido, o filho ou o irmão tinham sido pre-

so. Esses problemas sociais (ornaram-se um drama para mim e comecei a introduzir essas coisas que machucam e que doem na minha obra. Todo o homem tem direito a andar de cabeça levantada e ter sustento para chegar à casa e dizer "os meus estão seguros".

Quando começou o seu interesse pela pintura?
Logo na escola Primária.

A minha obra tem cor, mas há uma melancolia profunda. Quero que olhem para as pessoas marginalizadas
Adorava desenhar e como tinha uma certa criatividade, inventava bonecos na minha cabeça. Como os outros miúdos faziam coisas normais, os professores elogiavam-me e eu, claro, sentia-me como um peixe dentro de água, e aplicava-me. Era dos melhores alunos e estava sempre ansioso pela aula de desenho.

Herdou esse talento de alguém?
A genética existe e acho que passa por aí. O meu pai desenhava muito bem e a minha irmã também. Quando descobri um caderno do meu pai, com desenhos de gatos a brincar com novelos de lã, ele já tinha parado de desenhar há vários anos, mas quando vi aquilo, em miúdo,

achei perfeito e dizia para mim "o meu pai desenha como um Deus".

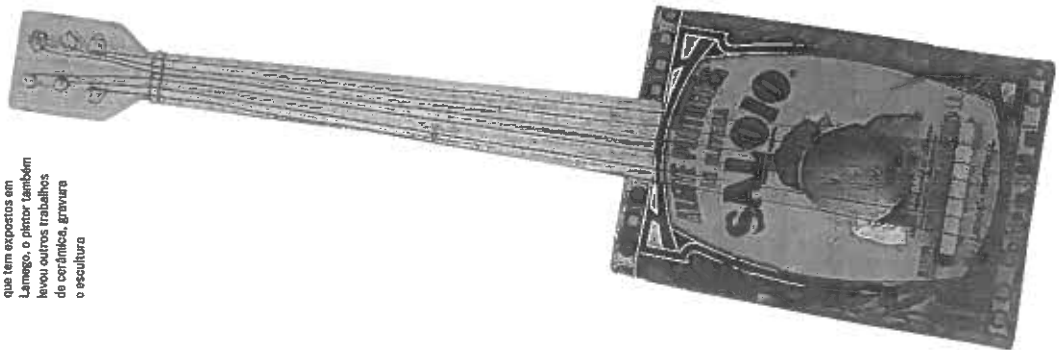
Então por que quis ser arquitecto em vez de pintor?
Porque ser pintor era uma coisa de outro mundo. A pintura era para gente de outra galáxia, como Picasso ou Renoir...

Aqueles homens todos que a minha mãe me falava. Como é que a sua mãe os conhecia?
Ela era uma pessoa muito preocupada com a cultura. Como éramos pobres e só tinhamos uma farda para a escola, ela lavava e passava a nossa roupa todos os dias à noite. Ficava até às duas, três da manhã a fazer isso e eu ficava com ela, a fazer desenhos. Como era uma pessoa muito interessada em arte, literatura, cinema e música, volta e meia aparecia lá em casa uma revista com obras de pintores e ela mostrava-me tudo porque era o filho mais interessado na matéria. Nessas conversas nocturnas, houve um dia que pensei que gostava era de ser arquitecto, mas também já me tinha passado pela cabeça



Em miúdo sonhava ter uma bicicleta. Nunca tive

ALBUM dos 30 quadros e 15 ilustrações que tem expostos em Lamego. O pintor também levou outros trabalhos de cerâmica, gravura e escultura



Não, pintava à noite. Mesmo quando entrei para o curso de Construção Civil, nunca deixei de desenhar e pintar. Como não tive forçamento, estava sempre à procura de formas, de imagens na minha cabeça. Inspirado nos catálogos e nos livros que conseguia obter. Depois da Independência, comecei a fazer os pavilhões de Moçambique nas Feiras Internacionais e aproveitava essas viagens para visitar todas as exposições que conseguia.

Lembra-se do primeiro quadro que fez?
Sim, nunca mais me esqueço. Ainda era miúdo e os meus pais tinham ido ao cinema. Mal eles saíram, fui buscar umas tiras de madeira que estavam lá em casa, preguei tudo, meti um bocado de lençol, pintei um cavalo com um camelo de evra à volta, e pendurei na parede. Querria fazer uma surpresa aos meus pais, mas quando eles chegaram a casa mandaram-me logo tirar aquilo da parede. Foi a primeira decepção que tive como pintor.

Mas também aprendi logo que para se pendurar coisas em paredes é preciso ter qualidade. Depois dos *ateliers* de arquitectura e dos pavilhões de Moçambique, como se dá a passagem definitiva para a pintura?
Viajava bastante quando andava de feitura em feira, mas comecei a cansar-me de ser um andarilho da vida, sempre metido em avóides e países estranhos. Na altura, já tinha vendido alguns quadros – a portugueses, espanhóis e mais alguns estrangeiros que estavam nas embaixadas – e resolvi experimentar a aventura da pintura. Se me desse mal voltava para as outras coisas. Mas foi resultando, até porque tive o convite para ir para Madrid, através do adido cultural da embaixada de Espanha em Maputo, com uma bolsa de rico.

Como foi essa experiência de Madrid? Apesar de nunca ter estudado pintura, decidiu logo que não ia para Belas Artes, porque só ensinam técnica e vicium porque o professor põe sempre a sua for-

ma. Os alunos acabam por ser: a esportista dos professores. Se tivesse aprendido, se calhar hoje conseguia defender-me melhor; mas naquela altura não queria nada com a pintura porque andava zangado com a vida, a atravessar a minha primeira separação. Então decidi ir aprender aquilo que não sabia. Estudei cerâmica, gravura e, depois, escultura. Tinha um casal amigo na cidade e ele dava aulas de escultura.

Saltou de Moçambique para superar o fim do primeiro casamento?

Também influenciou. Estava a passar mal. Uma separação magoa sempre, amarruta. Ela era uma mulher especial, muito temperamental, meio levada da cabeça. Os meus amigos achavam todos que era maluco por ter casado com ela, mas eu não queria saber.

Achava-lhe graça e casei, com 27 anos. Quanto terminou sobri bastante. Em Madrid não se envolveu com ninguém?

Tive uma namorada ou outra, mas foram relações sem grande importância. Nunca conseguí viver muito tempo sozinho, sem uma mulher. Nunca fiz nenhuma pulhice por uma questão de princípio, mas as mulheres sempre me fascinaram e, ainda hoje, fico encantado quando vejo uma mulher bonita.

Depois de Espanha foi para Portugal com outra bolsa de estudo. É aí que conhece a segunda mulher?

Fui com a ideia de ficar três anos, depois conheci, de facto, a minha segunda mulher e nunca mais voltei a Moçambique. Estive casado dez anos, depois separei-me e encontrei a minha actual mulher, que conheci em Moçambique quando ela tinha 14 anos e eu 24. Perdemos o rasto um do outro com a Independência e encontrá-la um dia, em Lisboa, ela já com filhos crescidos. Começámos a sair juntos, a ir a exposições e acabou em casamento.

Ter filhos?

Não, tenho netos. A minha actual mulher tem filhos e netos. E eles são meus netos também.



CINCHONHO fotografado em Lisboa, numa das poucas deslocações que fez à cidade desde que se mudou para o campo, em Ourém, no centro de Portugal

Nunca quis ser pai? Nunca disse a mulher nenhuma que não queria, mas no fundo, no fundo, rezei um bocadinho para não os ter. Sempre achei que pôr filhos no mundo era por gente para sofrer e isso não queria. Sempre tive pavor disso. Claro que houve momentos em que senti esse entusiasmo e essa esperança, mas depois tomava consciência do que estava em jogo e recuava.

Não ter sido pai é uma das coisas que lamenta na vida?
Não, porque gosto de todos os miúdos do mundo. Não estou nada arrependido. Tenho um sobrinho que é quase meu filho, porque quando o meu irmão morreu, num acidente de carro, deixou uma criança com dois anos e fui eu, praticamente, quem o criou. Além disso, os meus netos compensam-me e sinto um certo alívio de não ter sido eu o responsável por aqueles miúdos, que adoro, estarão no mundo.

Para muitos homens ter filhos é preservar a sua continuidade na terra. Nunca pensou assim?

Isso para mim é um disparate. Nunca teria um filho por egoísmo. É verdade que não tive uma vida sofrida, mas vi o mundo, não andei distraído.

Nunca conseguiu viver muito tempo sozinho. Ainda hoje fico encantado se vejo uma mulher bonita

Há quatro anos decidiu ir viver para o campo. O que motivou a mudança?
Nasci e cresci no terreno do meu avô, onde tinha campo, árvores, pássaros... Quando começou a guerra civil, porque começaram a haver distúrbios nos subúrbios e a cidade era mais segura. A partir daí vivi sempre em cidades, mas ficou sempre um vazio em mim, um desejo de voltar a abrir a porta de casa e ver campo, ouvir pássaros a chilrear. Como esta minha terceira mulher também nasceu em Mo-

Ainda pinto com regularidade?

Sim. É preciso desenhar todos os dias porque, se não, a mão perde-se. Ultimamente tenho feito com mais frequência desenhos para livros infantis. É um trabalho leve, em que não entro naquela fase dura, que faz chorar.

alexandra.ho@sol.pt

Há muita gente a pintar miúdos em África com as costas de fora. Prefiro vê-las com um tricotado rosa